

## Goethe na terra “onde florescem os limoeiros”

Profa. Dra. Eloá Heise<sup>1</sup>(USP)

### Resumo:

*A comunicação proposta tem por objetivo mostrar em que medida Goethe acaba por reconhecer-se na Itália como poeta e pesquisador. A viagem para Itália, a vivência na terra onde “florescem os limoeiros”, como canta Goethe na Canção de Mignon, será o acontecimento de sua biografia que receberá as mais entusiasmadas descrições do autor, sendo considerada pela crítica o mais importante ponto de inflexão na vida e na obra de Goethe. Ele precisava ver, para compreender. A revelação da beleza lhe seria transmitida através do contato direto com a cultura da Antigüidade, dos tesouros da Renascença e a ligação com a natureza do Mar Mediterrâneo. A vivência em um outro país, do outro, abrirá a possibilidade de intensificação de sua própria maneira de ser; o contato com outras formas da natureza, outros costumes, hábitos, outra arte contribuem para reflexão e construção de si.*

**Palavras-chave:** Goethe; alteridade, classicismo alemão.

O presente trabalho tem por meta explorar o processo frutífero e dinâmico que advem da transposição de fronteiras entre culturas. Para tanto, o objetivo é mostrar como a vivência em um país estrangeiro, a Itália, conduziu a Goethe um ponto fulcral de sua concepção artística, além de conduzir o poeta para descobertas no campo da ciência.

A Itália tornara-se, desde a infância, um mundo idealizado por Goethe, encantamento transmitido pelos relatos de seu pai, que fizera uma viagem a este país de onde trouxera gravuras de Roma. A nostalgia por esse lugar enaltecido, cristaliza-se, mais tarde, com a empolgação pela Antigüidade, o que levará Goethe, como adulto e já poeta consagrado, através de uma decisão inesperada e fria a ousar transformar seu sonho em realidade. A primeira estada no país estende-se de setembro de 1786 a junho de 1788.

A vivência na terra onde “florescem os limoeiros”, como canta Goethe na Canção de Mignon (Cf. BORCHMEYER, 2002) será o acontecimento de sua biografia que receberá as mais entusiasmadas descrições do autor, sendo considerada pela crítica o mais importante ponto de inflexão e cesura na vida e na obra de Goethe.

*Kennst du das Land, wo die Zitronen blühen,  
Im dunklen Laub die Goldorangen glühen,  
Ein sanfter Wind vom blauen Himmel weht,  
Die Myrte still und hoch der Lorbeer steht,*

*Kennst du es wohl? Dahin! Dahin  
Möcht' ich mit dir, o mein Geliebter, ziehn!* (GOETHE, 1958. p. 102)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Profa. Dra. Eloá Di Pierro Heise (USP) Universidade de São Paulo. [eloahaise@ajato.com.br](mailto:eloahaise@ajato.com.br)

<sup>2</sup> “Conheces o país onde floresce o limoeiro?/ Por entre a rama escura ardem laranjas de ouro./Do céu azul sopra um arzinho ligeiro./Eis que se ergue a murta calma, olha altivo o louro!./Conheces? Oh partir! Partir/ Pra lá, contigo, Amado! Oh! Quem me dera ir!” Tradução de Paulo Quintela in: GOETHE J.W.. *Poemas*. Antologia, versão portuguesa, notas e comentários de Paulo Quintela., Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1958, p.103

Através do próprio relato do autor, em seu livro sobre a *Viagem à Itália*, pode-se perceber, passo a passo, como Goethe, a partir dessa vivência em solo italiano, passou a se descobrir como artista. Na carta de 3 de dezembro de 1786 diz o poeta: “Considero o dia que cheguei a Roma como data de meu segundo nascimento, de um verdadeiro renascimento” (GOETHE, 1999, p. 175).

## **1 O descobrir-se**

Goethe acaba por reconhecer-se na Itália como poeta e pesquisador da natureza. Em Weimar tivera a oportunidade exercitar-se no campo da zoologia, botânica e geologia, mas não pôde alcançar a contemplação viva da beleza, uma vivência que não se encontra em livros ou museus. Retrocedendo um pouco no tempo, na carta de 6 de setembro de 1786, quando o poeta ainda se encontrava em Munique, lê-se a confissão do próprio Goethe que se considerava, então, ainda incapaz de apreender o significado da Antiguidade: “No salão dedicado à antiguidade, pude notar bem que meus olhos não estão bem treinados para a contemplação de tais objetos” (GOETHE, 1999, p. 14). Ele precisava vivenciar, ver para compreender. A revelação da beleza lhe será transmitida através do contato direto com a cultura da Antiguidade, dos tesouros da Renascença e a ligação com a natureza do Mar Mediterrâneo. Coloca-se diante da tarefa de alcançar uma concepção vivente da arte e de colocá-la em consonância com a natureza. Em carta dirigida a Herder, de 17 de maio de 1787, percebe-se o início da ligação estabelecida por Goethe entre a natureza e a arte:

Agora que tenho presente em minha mente todas estas costas e promontórios, golfos e baías, ilhas e línguas de terra rochedos e praias, colinas cobertas de arbustos, suaves pastagens, campos férteis, jardins adornados, árvores bem cuidadas, videiras pendentes, montanhas de nuvens e planícies, escarpas e bancos rochosos sempre radiantes com o mar a circundar tudo isso com tantas variações e tanta variedade – Somente agora, pois, a *Odisséia* tornou-se para mim palavra viva” (GOETHE, 1999, p. 379).

Esse encontrar e reencontrar si mesmo representa para Goethe uma espécie de libertação de uma fase voltada para o lado prático e utilitário das tarefas políticas que exercia em Weimar, uma espécie de purificação do corpo e da alma. Justifica-se, assim, que as idéias de “renascimento” e “vida nova” se tornam *leitmotive* de cartas e anotações em diários e que serviriam de base para a obra publicada 30 anos mais tarde, o relato autobiográfico sobre a *Viagem à Itália*. Quando chega a Roma, a capital do mundo, Goethe paradoxalmente, reconhece o conhecido em um mundo lhe era totalmente novo, desconhecido. Através da natureza, como se nota na descrição supracitada, é que Goethe tem a chave para a compreensão da grande obra de Homero. A natureza transforma-se no viés a conduzir o olhar do poeta alemão para a Antiguidade e para a arte como um todo. A obra máxima dos antigos gregos, a *Odisséia*, transforma-se, então, em “palavra viva”.

Mas essa percepção da “palavra viva” se desenvolve em etapas. No início de sua viagem, Goethe se propõe a estudar a arte da Itália segundo as regras de um tempo e linguagem que não mais existem, para admirar, com o espírito tranquilo, esse mundo venerável e eternamente distante, como ele mesmo aponta em seus diários de viagem (carta de 10/10/1786). De alguma forma, é esta a postura que Tischbein captou ao pintar o seu famoso óleo sobre tela, retratando *Goethe in der Campagna*. Nesta obra, que se encontra no museu de Frankfurt, Goethe aparece contemplativo, apoiando-se em blocos, diante das ruínas de um templo. Esse quadro do viajante na Campagna romana representa a essência da nostalgia pela Arcádia.

## **2 O abrir-se para a revelação**

Contudo, quanto mais Goethe progride em sua viagem, tanto mais esse passado distante se torna próximo. Ele passa a vivenciar o presente desse mundo clássico, na certeza de que a grandeza

dessa cultura é e sempre será. Idéias como estas, extraídas de relatos da terceira *Viagem à Itália*, portanto a partir de uma distância de 40 anos (1829), trazem consigo o lastro do amadurecimento e reflexão sedimentados pelo tempo. Se a vivência na Itália significa para Goethe um renascimento pessoal, a constatação da extemporaneidade da arte clássica denota, paralelamente, um renascer da Antigüidade, em um sentido supra individual, o reconhecimento de um paradigma estético sempre válido, atemporal. Apesar de seu entusiasmo pela Itália, reflete-se nesta nova capacidade de percepção do mundo “clássico” um sobrepujar do subjetivismo (Cf. BIRUS, 2004). Este seu observar da coisa em si implica um afastamento programático de uma visão subjetiva, o abrir-se para a revelação pura dos objetos, na sua legitimidade imanente.

Em uma procura pela essência, busca-se ver as coisas por si mesmas e não pelo efeito que elas produzem. O instrumento do qual o autor lança mão para perscrutar o mundo “novo conhecido” é o olhar. Através da capacidade de ver, pretende-se alcançar o entendimento, que deve conduzir ao reconhecimento.

Nessa segunda etapa de sua vivência em terras italianas não existe a tendência nostálgica de tentar recuperar a Antigüidade, mas a procura do proceder moderno à maneira dos gregos.

As coisas captadas pelo olhar representam, assim, não apenas objetos da arte, mas também manifestações de natureza. O tema principal da *Viagem à Itália* é a busca do paralelismo e da identidade entre a natureza e a leis da arte. Em um lugar como a Itália, onde a arte é por ele apreciada como se fosse uma segunda natureza, esta, por sua vez, é observada pelo olhar treinado do botânico em suas relações como a obra de arte de um artista supremo. Assim, o olhar do artista estabelece uma relação simbiótica com a percepção do naturalista e o olhar do naturalista serve de suporte para o olhar do artista.

Goethe foi à Itália e se torna, de acordo com suas próprias palavras, artista. Volta de sua viagem com a percepção enriquecida com o propósito de compreender e estabelecer as relações entre a arte e a natureza. Assume a tarefa, como poeta pesquisador, de descobrir e perscrutar as leis desses dois campos. A arte serve de base para o estudo da natureza, que se transforma em ciência. Em um trajeto inverso, a ciência revela as leis da natureza que, por sua vez, servirão para a concepção da arte. Constrói-se, assim, o paralelismo entre a arte e a natureza: a arte precisa da ciência, que estuda a natureza, para afirmar-se. Em contraposição, a ciência precisa do olhar do poeta que, ao observar, resgata do mundo o que o mundo tem a dizer. Nesse nexos, o poeta genial de outrora, pode se transformar em um poeta natural. (Cf. MOURA, 2006)

### **3 A vivência do outro**

Esses são os caminhos que alicerçam o percurso de Goethe rumo a um outro patamar de sua concepção de vida. A Itália, o lugar a partir do qual irá conquistar a revelação da arte grega e latina, não se estabelece para ele como a Arcádia longínqua; mas concretiza-se como uma impressão viva e pulsante, ligada ao tempo presente pela natureza e ao passado pelo caráter arquetípico da arte antiga. A vivência em um outro país, do outro, abrirá a possibilidade de intensificação de sua própria maneira de ser; o contato com outras formas da natureza, outros costumes, hábitos, outra arte contribuem para reflexão e construção de si.

*O wie fühl ich in Rom mich so froh, gedenk ich der Zeiten,  
Da mich ein graulicher Tag hinten im Norden umfing,  
Trübe der Himmel und schwer auf meine Scheitel sich senkte,  
Farb- und gestaltlos die Welt um den Ermatteten lag  
Und ich über mein Ich, des unbefriedigten Geistes  
Düstre Wege zu spähn, still in Betrachtung versank!  
Nun umleuchtet der Glanz des helleren Äthers die Stirne;*

*Phöbus rufet, der Gott, Formen und Farben hervor.*  
(GOETHE, 1958. p.124)<sup>3</sup>

Enquanto em sua terra natal, no norte, o poeta, mergulhado em seu eu, sentia-se cercado por um mundo sem cores e sem formas, Febo, o deus romano equivalente ao grego Apolo, ao personificar a luz, revela ao eu-lírico a profusão de formas e cores. O despertar para uma percepção mais rica e matizada do mundo, Goethe irá construir os trabalhos que lhe abrem o caminho da ciência: a pesquisa sobre os princípios das mudanças das formas da natureza, em seus estudos sobre Morfologia, e a sua teoria da cores: *Farbenlehre*.

#### **4 Da vivência à objetivação teórica**

Em um ensaio de 1789, *Einfache Nachahmung der Natur, Manier, Stil*, (*Simples Imitação da Natureza, Maneira, Estilo*) texto que apresenta uma espécie de síntese das concepções artísticas de Goethe depois de sua viagem na Itália, pode-se abstrair em que medida o autor objetiva os estágios de percepção por ele vivenciados (MOURA, 2006, p. 301).

Tomando-se como pressuposto que estão em debate formas artísticas no campo da pintura, Goethe define os três conceitos expressos no título: a “simples imitação”, como denotam as próprias palavras, equivaleria à reprodução fiel dos objetos da natureza. Trata-se, portanto, da capacidade do artista de traduzir, fielmente, um objeto do mundo exterior.

Ao explicar o conceito “maneira” Goethe afirma: “*er findet sich selbst eine Weise, macht sich selbst eine Sprache, um das, was er mit der Seele ergriffen, wieder nach seiner Art auszudrücken, (...)*” (GOETHE, 2001. p.12173)<sup>4</sup>. A “maneira” seria, pois, uma forma de representar que traz a marca da subjetividade de seu criador.

Enquanto a simples imitação, que pressupõe escolha e pesquisa, tem por intuito tornar presente o objeto em si e a “maneira” traduz o modo como o artista capta uma manifestação do mundo, o “estilo” é a condensação dos dois elementos: da “simples imitação” e da “maneira”, em outras palavras, a inserção da subjetividade do artista na objetividade do mundo ao estabelecer uma relação dialética entre os dois pólos. O estilo seria o grau mais elevado que o artista deveria alcançar: não falaria apenas do mundo, do outro, e também não expressaria uma arte subjetiva e particular, mas elevar-se-ia ao estágio de conseguir falar do que está em si e fora de si.

A vivência na Itália representou para Goethe, como poeta e pesquisador, as três etapas descritas em seu ensaio. Ele atravessa um estágio de descobrimento de si, passa por uma fase de abrir-se para a revelação que vem do mundo exterior e alcança o estágio, no qual não se restringe apenas à percepção pessoal do mundo nem ao exercício de imitar e pesquisar a forma do objeto, mas cria, baseado nas duas etapas, um estilo próprio, dando forma ao seu conceito universal de arte, que aponta para a relação entre o sujeito e o objeto em interação.

Mas será que essa interação entre sujeito e objeto não representaria, em última análise, uma maneira de redescobrir facetas do próprio sujeito?

Em um ensaio integrante dos *Escritos sobre Literatura*, sob o título “Aos jovens poetas” Goethe afirma: ;

<sup>3</sup> “Oh que alegre me sinto eu em Roma!, ao pensar nos tempos/Em que o dia pardo me cercava lá pra trás no Norte,/O céu baço e pesado baixava sobre a minha cabeça,/O mundo sem cor e sem forma jazia em torno a mim cansado,/E eu mergulhava na meditação do meu Eu,/Pra descobrir as vias sombrias do ‘espírito não-satisfeito!’/Agora o brilho do éter mais claro cinge a fronte de luz:/Febo, o Deus, faz surgir as formas e as cores.” (GOETHE 1958: 125)

<sup>4</sup> “[o artista] cria para si mesmo um modo, faz para si uma linguagem para expressar novamente, de acordo com seu jeito, o que ele capta com a alma (...)” (GOETHE, 2000. p.12173).

(...) nunca fui mestre de ninguém. Mas devo dizer o que me tornei para os alemães em geral, especialmente para os jovens poetas, então posso me nomear o seu libertador. Pois eles avistaram em mim que, como o homem precisa viver de dentro para fora, o artista precisa se expressar de dentro para fora e, comporte-se como quiser, **sempre trará à luz apenas o seu indivíduo**. (GOETHE, 2000, p. 11)

Esse “eu” que se busca no contato com o “outro”, coloca em movimento um processo hermenêutico baseado no jogo dialético entre o eu e o outro. (Cf. TODOROV, 1991). Todo homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Identificar-se com o outro é reconhecer nele o que há de universalmente humano, como reflexo de algo peculiar de seu próprio eu. No campo da antropologia e das ciências sociais afirma-se que a existência do “eu-individual” só se realiza mediante o contato com o outro. Pode-se dizer, desta forma, que o eu apenas existe a partir da visão do outro; ele consegue compreender verdadeiramente o mundo se alcança um olhar diferenciado que inclui si mesmo e o diferente, ou melhor, o eu é sensibilizado e intensificado pela experiência do contato com o outro.

A vivência da alteridade, da situação que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença leva o indivíduo a ver aquilo que nem poderia imaginar. O homem, de maneira geral, tem dificuldade em fixar sua atenção naquilo que lhe é habitual, familiar, cotidiano, e que, por isso, é considerado como algo ‘evidente’. Abrir-se para uma outra cultura estrangeira, é, nesse nexo, não se entregar, mas, em última instância, receber.

Falando em outros termos: a vivência e a convivência com uma cultura estrangeira tornam o eu mais cômico de sua própria identidade ao mesmo tempo em que serve de força motriz para essa identidade, colocando-a em movimento. Um novo conhecimento do outro leva a um novo conhecimento de mim mesmo, potenciando esse movimento rumo ao infinito.

## **Referências Bibliográficas**

GOETHE, J.W. **Poemas**. Antologia, versão portuguesa, notas e comentários de QUINTELA, Paulo. Edição bilíngüe, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1958.

\_\_\_\_\_. **Viagem à Itália**. Trad TELLAROLI, Sérgio, São Paulo, Cia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre literatura**, Trad. SÜSSEKIND, Pedro, Rio de Janeiro, Editora 7 letras, 2000.

\_\_\_\_\_. “Einfache Nachahmung de Natur, Manier, Stil”. In: **Digitale Bibliothek der deutschen Literatur und Philosophie**, Berlin, Directmedia, 2001, p. 12171-12175.

BIRUS. Hendrik “Goethes Itanische Reise als Einspruch gegen die Romantik” (19/01/2004). In: **Goethezeitportal** URL: [www.goethezeitportal.de/db/wiss/goetge/italreise\\_birus.pdf](http://www.goethezeitportal.de/db/wiss/goetge/italreise_birus.pdf). Acesso: 14/05/07.

BORCHMEYER, Dieter “Wiedergeburt in Italien” (2002-2007). In **Goethezeitportal** URL: [www.goethezeitportal.de/index.php?id=85](http://www.goethezeitportal.de/index.php?id=85) Acesso: 30/04/07

MOURA, Magali doe Santos **A Poesis orgânica de Goethe. A construção de um diálogo entre arte e ciência**. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006

**XI Congresso Internacional da ABRALIC**  
*Tessituras, Interações, Convergências*

**13 a 17 de julho de 2008**  
**USP – São Paulo, Brasil**

TODOROV, Tzvetan. **The Morals of History**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.